

está também a filha da senhoria, Nádia, de dez anos de idade. Nádia inventa um irmão mais velho e mente “de maneira muito divertida e invulgar”. Conta como ajudou a apanhar um assassino, como viu um ovni e como foi estar em Espanha a participar num filme. A mãe confirma tudo, à parte a existência do irmão de Nádia.

Os “episódios” seguintes narram a mitomania de uma rapariga de 13 anos que diz ter um caso amoroso com um homem de quarenta, casado, pintor famoso e familiar de Génia. A história de uma jovem futura engenheira que descobre a poesia com uma velha professora de literatura, e que após a morte desta descobre que toda a poesia que lhe lera como se fosse sua, era afinal dos grandes poetas russos do início do século XX. Há também a aventura suíça de Génia, que tendo sido contratada para escrever um guião de um documentário, tem que entrevistar várias prostitutas russas que lhe contam todas a mesma história: filhas de um comandante da marinha morto num acidente, violadas pelo padrasto vêem-se obrigadas a sair de casa e a “fazerem-se à vida”.

Ulítskaia construiu um brilhante “romance” com dramas femininos e belezas sonhadas, com amores não correspondidos e algum desespero, com personagens que procuram compensar o destino, por vezes miserável, com um pouco de sonho. São histórias ternas que relevam do sentido trágico da condição humana.

## Filho de um deus menor

**O Filho Eterno**  
Cristovão Tezza  
Gradiva

★★★★☆



Por força dos quinze minutos de fama que o Nobel da Literatura sempre assegura aos seus



ARTUR MACHADO

**Um exercício memorialista e de balanço existencial, por parte de Tezza, com componente biográfica política e histórica**

vencedores, republicou-se em Portugal, no ano de 1994, o romance “Não Matem o Bebê”, do japonês Kenzaburo Ôe, editado originalmente em 1964 e que tivera a primeira versão portuguesa em 1973. Trata-se da narração da relação de um pai com o seu filho nascido com uma deficiência grave, uma cabeça desmedida e grotesca. “O Filho Eterno”, do brasileiro Cristovão Tezza, recentemente galardoado com o Prémio PT de Literatura de Língua Portuguesa, tem alguma coisa da crueldade paterna do romance de Ôe.

Logo no início de “O Filho Eterno”, o pai de uma criança nascida com a síndrome de Down diz que esse bebé é pior do que a morte e deseja o rápido falecimento de Felipe na própria manhã em que recebe a notícia daquele filho torto - “A manhã mais brutal da vida dele”. Mas, depois, essa brutalidade inicial transforma-se na narração tocante do processo de uma criança deficiente aprendendo a relacionar-se com o mundo e da paralela aprendizagem do pai para aceitar Felipe como parte da sua vida e não já - ou não apenas - como “uma pedra inútil que ele terá de arrastar todas as manhãs”.

O final é até moderadamente optimista - como num jogo de futebol, também é impossível prever como irá ser a vida da eterna criança, e isso, diz o narrador, “é muito bom” -, mas o livro de Tezza é

eventualmente mais perturbador do que “Não Matem o Bebê” de Ôe. A linguagem é mais literal, o universo narrativo é menos metafórico e surrealizante do que no romance do japonês. Mesmo que, à

partida, não se saiba que a história narrada é decalcada da vida do escritor brasileiro (mesmo as referências bibliográficas do pai-personagem coincidem com a bibliografia de Tezza), o tom distanciado e quase técnico que enforma o romance remete o leitor para uma realidade próxima e não é difícil reconhecermo-nos na pele daquele pai aparentemente cruel e insensível, mas, no fundo, apenas tão chocado e surpreendido como qualquer um de nós poderia ficar perante o nascimento de um filho deficiente.

A tentação “voyeurista” é quase inevitável, uma vez que o romance parece abdicar da ficção, substituída pela crueldade dos factos e por uma narrativa literal, límpida, crua, torrencial e tão distanciado quanto possível do conceito comum da paternidade. Não terá sido por acaso, aliás, que Tezza escolheu contar a história na terceira pessoa, como um ente exterior a si mesmo e, portanto, capaz de sobrevoar a vida e de narrá-la num registo que balança entre a frieza do relato científico e os sentimentos à flor da pele de um narrador demasiado omnisciente, analisando-se a si mesmo e à sua relação com o mundo.

O pai que antevê no filho um possível recomeço e a entrada “no lado certo do mundo”, na “normalidade”, descobre-se subitamente com uma criança que o envergonha e humilha; que, em vez de uma nova vida, lhe oferece um espelho no qual se revê e no qual se sintetizam todos os seus fracassos pessoais, agora sublimados. “Para dizer as coisas claramente, ele conclui todos os dias: essa criança não lhe dará nada em troca. Sequer aquele prazer mesquinho, mas razoável, de mostrá-lo aos outros como um troféu”, lê-se.

À margem da luta pessoal pela aceitação do filho, e da descoberta do afecto, o pai da história reinventa-se também enquanto personagem autista, escritor razoavelmente fracassado e capaz também, afinal, de perceber nas pequenas e lentas conquistas de Felipe motivo para algum (contido) orgulho - como qualquer pai de qualquer criança em qualquer parte do mundo.

Sendo um exercício memorialista e de balanço existencial, “O Filho Eterno” tem também uma componente biográfica política e histórica. O personagem pai, como o autor, vive o período pós-revolucionário português de 1975/76 e o avanço da democracia no Brasil, analisando amargamente o curso da história. No Portugal de Abril percebe uma “gosma de Idade Média” e, no Brasil, um país que teima, década a década, em não sair do lugar - “quando se move, é para trás” -, comandado por uma “elite tosca, com frequência grotesca, de uma ignorância assustadora, renitentemente corrupta e corruptora e instalada capilarmente em todos os mecanismos de poder

do país, que por sua vez se fundem na outra ponta com a bandidagem em estado puro”. **Jorge Marmelo**

## Os desassossegados

**Instruções para Salvar o Mundo**  
Rosa Montero  
(tradução de Helena Pitta)  
Porto Editora, € 16,50

★★★★☆

A espanhola Rosa Montero tatuou há oito anos uma salamandra no braço. A capa da edição portuguesa de “Instruções para Salvar o Mundo” mostra uma mulher negra acompanhada por uma lagartixa, belíssima ilustração de Alex Gozblau.

A salamandra do braço de Montero não saltou para dentro do livro, mas o gosto da autora por lagartos (“dinossauros em ponto pequeno” ou “dragões dos contos infantis”) tem alguma coisa a ver com isto. “Instruções para Salvar o Mundo” é um romance cheio de simbologias.

Logo ao início somos avisados pelo narrador que vamos entrar na história de uma longa noite, “tão longa que se prolongou durante vários meses”. E também que “a Humanidade divide-se entre aqueles que gostam de se meter na cama à noite e aqueles a quem ir dormir desassossegado.”



As personagens pertencem a este último grupo, o dos desassossegados. Matías é um taxista viúvo que depois da morte da mulher não consegue

enfrentar a vida como antes. Daniel é um médico convencido de que a mulher continua com ele pelo simples prazer de o atormentar. Passa parte da vida online, no Second Life, onde o seu avatar faz coisas que Daniel nunca se atreveu a fazer na vida real. Até um dia...

Matías e Daniel, nesta viagem das trevas até à luz, são acompanhados por Cérebro, uma académica anciã que noite após noite vai contando histórias (de outros cientistas e das suas teorias) e por Fatma, prostituta da Serra Leoa que quando era criança foi raptada pelos guerrilheiros da Frente Revolucionária Unida e que na idade adulta é refém de um proxeneta nos subúrbios de Madrid.

É aqui que volta a entrar a lagartixa e a simbologia. Fatma acredita que a lagartixa que a acompanha é o seu espírito protector. A lagartixa é no livro símbolo da sobrevivência e emblema de esperança. É a ela que os leitores do romance se agarram durante a leitura.

“Instruções para Salvar o Mundo” é uma fábula, um retrato onírico da modernidade onde todos os perigos espreitam (as máfias, a violência, assassínios em série, etc).

## Saídas



## Cinema



**A Invenção do Cinema Português**  
Tiago Baptista  
*Tinta da China*  
Começando em Aurélio Paz dos Reis (1896) e acabando em Miguel Gomes

(2008), “A Invenção do Cinema Português” faz ensaio e faz história. Diz-se na introdução: “O cinema feito em Portugal esteve, desde o primeiro momento, sujeito a um escrutínio público muito maior do que qualquer outra arte. Grande parte deste debate girou em torno da possibilidade, ou da necessidade, de o cinema português se construir como uma cinematografia nacional distinta de todas as outras, com temas próprios, um estilo autónomo e uma relação privilegiada com os espectadores do seu país de origem. Era isso realizável e desejável, ou não? E teria efeitos positivos no sucesso dos filmes portugueses, ou não?”. Tiago Baptista, o autor, nasceu em 1976 e trabalha como conservador do Arquivo Nacional das Imagens em Movimento da Cinemateca Portuguesa.

## Ficção



**Tim Burton “leu” Washington Irving**

**A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça e Outros Contos**  
Washington Irving  
(tradução de Júlio Henriques)  
*Tinta da China*, 16,50€

“A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça”, “Rip Van Winckle” e “A Lenda do Astrólogo Árabe” são os três contos de Washington Irving, publicados pela primeira vez em 1820, que acabam de chegar às livrarias portuguesas. As personagens de Irving viriam a tornar-se ícones da cultura popular americana,

**Liudmila Ulítskaia e as suas variações para um tema: a mitomania no feminino**